



CAPÍTULO 2

SIGMUND FREUD ENTRE A HISTÓRIA E A METAPSICOLOGIA: VIDA, OBRA E RUPTURA EPISTEMOLÓGICA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.861112623012>

Felipe Luiz Mendonça

Graduando do curso de Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.
<https://orcid.org/0009-0001-1135-8142>

Luana de Mendonça Fernandes

Doutora em Psicologia Social, Professora Adjunta do curso de Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-7325-7881>

RESUMO: Sigmund Freud foi um homem de grandes questões. Sua busca pelo conhecimento fez com que ingressasse no curso de medicina em Viena, dedicando-se à neurologia. Viveu as angústias e conflitos do seu tempo, onde os acontecimentos e transformações mundiais o atravessaram: as duas guerras mundiais, o sentimento antissemita, o clericalismo e o liberalismo, assim como a perseguição aos judeus pelo nazismo. Estes atravessamentos moldaram o psicanalista que mira a face de Moisés e nele contempla suas raízes judaicas e a culpa que inaugura a sociedade judaico-cristã. Freud é o homem atravessado pela história que não pode ser separado do psicanalista. Logo, o presente artigo apresenta um recorte da vida de Freud, seu rompimento com a neurologia, assim como as bases epistemológicas da psicanálise e o surgimento da metapsicologia e demonstra que a descoberta da pulsão e do inconsciente reinsere a complexidade no cerne do humano, superando a previsibilidade social buscada pelo positivismo. Partindo da premissa de que Freud é um herdeiro do Iluminismo, discute-se como sua teoria desafia o naturalismo científico e o individualismo liberal do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Sigmund Freud; Metapsicologia; Positivismo.

SIGMUND FREUD BETWEEN HISTORY AND METAPSYCHOLOGY: LIFE, WORK AND EPISTEMOLOGICAL RUPTURE

ABSTRACT: Sigmund Freud was a man of profound questions. His pursuit of knowledge led him to enter medical school in Vienna, where he dedicated himself to neurology. He lived through the anxieties and conflicts of his time, shaped by world events and transformations: the two World Wars, anti-Semitic sentiment, clericalism, and liberalism, as well as the Nazi persecution of Jews. These influences molded the psychoanalyst who gazes upon the face of Moses, contemplating therein his Jewish roots and the guilt that inaugurates Judeo-Christian society. Freud is a man traversed by history who cannot be separated from the psychoanalyst. Thus, this article presents an overview of Freud's life, his break with neurology, as well as the epistemological foundations of psychoanalysis and the emergence of metapsychology. It demonstrates that the discovery of the drive (*Trieb*) and the unconscious reinserts complexity into the core of the human being, overcoming the social predictability sought by positivism. Starting from the premise that Freud is an heir to the Enlightenment, the study discusses how his theory challenges the scientific naturalism and liberal individualism of the 19th century.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Sigmund Freud; Metapsychology; Positivism.

INTRODUÇÃO

"Nenhuma ciência, nem mesmo a psicanálise, pretende explicar tudo; mas cada uma busca lançar luz sobre uma parte da obscuridade" (FREUD, 1927/2011, p. 19, grifo nosso)

Pensar em Sigmund Freud é um convite para olhar sua vida e obra em conjunto, pois caminham juntas. Sua história está em sua obra. (Roudinesco, 2017). A psicanálise se entrelaça com sua vida desde Viena em sua residência na Berggasse 19 até sua última, em Londres, na Maresfield Gardens 20. Durante sua vida formulou muitas especulações acerca da formação da psique, origem do inconsciente e da própria religião. Algumas especulações deixaram este lugar para se tornarem parte da teoria psicanalítica. Sendo um homem de grandes questões, Freud buscou a origem da culpa e do conflito paterno.

Viveu seu tempo com suas angústias e conflitos, onde os acontecimentos mundiais entrecruzaram essa jornada: as duas guerras mundiais, a perseguição aos judeus pelo nazismo, apreensão de seus livros, antiguidades e pertences, como o divã. (Gay, 1989). Tais episódios não o fizeram mudar rapidamente para Londres, apenas, mas concluir *Moisés e o Monoteísmo*. (1939), sua última obra (op.cit.).

Com a publicação deste ensaio, Freud desafia o judaísmo e cristianismo, pois nessa ele estabelece o ponto onde a psicanálise encontra a história. Nela, Freud trata a religião não como uma verdade revelada, mas como uma “neurose coletiva” baseada em fatos históricos distorcidos pela memória e pelo trauma. Típico de um homem crítico e firme em suas ideias, sem deixar de ser um herdeiro do iluminismo (Roudinesco, 2017).

Embora não seja este o objetivo, o presente trabalho acredita nessa definição dada por Roudinesco, pois o homem atravessado pela história, e o psicanalista são um só e não podem ser separados. Separá-los implicaria numa leitura histórica fragmentada, afinal o acúmulo de informações por Décadas propiciou para que houvesse dificuldade em saber, de fato, quem foi Freud (Roudinesco, 2017). Por exemplo, fatos como o rompimento com Jung e Adler, dois de seus mais brilhantes pupilos, por terem passado a sua frente na concepção de alguns tópicos da psicanálise (Thompson, 1965) ou a preocupação em tornar o Complexo de Édipo a pedra fundamental da psicanálise (Freud, 1923); também a amizade com Ernest Jones que o acompanharia até os últimos dias de vida e o ajudaria na publicação Inglesa de *Moisés e o Monoteísmo*. (Gay, 1989), a relação com a filha nos últimos anos e a morte de suas irmãs são acontecimentos que coexistiram com a publicação de seus trabalhos e mostram que é necessário pensar a vida de Freud não em termos psicanalíticos, isolados, mas olhar para a história e abrir caminho para uma renovação conceitual, clínica e epistemológica (Roudinesco, 2017)

Quando ocorre, esse distanciamento mostra que é preciso retornar ao século XIX, a sua história, suas raízes. Afinal, Freud não foi um homem que apenas questionou seu tempo, mas que construiu uma época e que também foi construído por ela. Não há lados separados e autônomos, há o todo, conjunto que une psicanálise, clínica, Freud e o tempo. Um pensador visto pelo prisma da história. (op.cit.).

Este pensador é o psicanalista que mira a face de Moisés, que brilha, pois acabara de ver a Deus, e nele contempla suas raízes judaicas e a culpa que inaugura a sociedade judaico-cristã. Diferente de Moisés, Freud não buscou levar as pessoas ao encontro de uma promessa, tampouco foi um guia a uma terra prometida. Ao contrário, tocou na ferida da sociedade mostrando-lhe que em seu âmago habitava um grande mal-estar. Ele não viu a Deus, mas contemplou os horrores do cristianismo na perseguição aos judeus. Seu legado não são tábuas que contêm leis, mas o questionamento da lei. Em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), Freud ironicamente contempla o início, vê Moisés que guia o povo Judeu, e oferece a sua derradeira resposta à história. Ele respondeu à história em sua obra. Ler a psicanálise convoca esse encontro íntimo, uma experiência com Freud, a necessidade de se encontrar com a obra e o próprio Freud.

Tal encontro não é linear e tampouco unívoco, ele é experienciado e vivenciado ao longo dos textos. Seguindo essa lógica, embora esta junção vida e obra não sejam comuns à ciência, o presente artigo postula suscitar o debate para a desconstrução dessa prática. Busca-se, portanto, neste trabalho, apresentar uma leitura histórica da vida de Freud seguido dos pontos mais importantes de sua obra mostrando o porquê sua vida e obra devem ser lidas juntas, assim como seus últimos anos, onde Freud demonstra através de sua obra final - em *Moisés* - que a civilização não é feita de promessas, mas de conflito.

O JOVEM SCHLOMO: UM JUDEU EM MEIO AO LIBERALISMO E CLERICALISMO.

Conceitua-se como comum nos estudos científicos não observar os entrelaçamentos entre a vida privada do cientista e sua obra, mesmo quando intitulados vida e obra. Isso não é diferente em relação a Freud. Roudinesco (2017) apresenta uma realidade muito presente na ciência e em grande parte dos psicanalistas, uma vez que ignoraram por décadas a história de Freud, sua vida intelectual e privada, assim como as nuances históricas que o acometeram. O trataram como um homem fora do tempo e fora de sua própria história.

Nascido em Freiberg, na Morávia, em Maio de 1856, Freud recebeu o nome de Sigmund Schlomo, “sendo este o nome que seu pai registrou na bíblia da família” (Gay, 1989, p.22). Era filho do comerciante de lãs e exímio leitor do hebraico Jacob Freud, e de Amália. Schlomo era o nome de seu avô, mas Freud não o adotaria para si “Ele nunca usou Schlomo, nome de seu avô paterno, e, depois de experimentar “Sigmund” nos últimos anos de escola, adotou-o algum tempo após seu ingresso na Universidade de Viena, em 1873.” (op.cit.).

Durante a juventude, Sigmund se encontrava num período de grandes mudanças na Europa. Darwin havia lançado seu livro sobre a Revolução das Espécies apenas três anos após seu nascimento, em 1859, cuja publicação vendeu mais que a Interpretação dos Sonhos publicado quase quarenta anos depois (Gay, 1989). Mudanças significativas também eram sentidas em Viena, cidade para onde Freud se mudou anos depois. Com sua nova formulação política advinda do liberalismo, fazendo com que a monarquia se dobrasse a um novo sistema, trazia a concepção de outra Viena, com prédios inovadores outra política social, sem preconceitos ou separações raciais.

O laço social estava se reformulando com o advento do liberalismo. Entretanto, práticas como segregacionistas como babás cristãs não terem permissão para trabalharem em casas de judeus, nem judias em casas cristãs continuaram vigentes (op.cit.). Tais costumes eram absorvidos pela sociedade, de modo que esta prática se

tornou cada vez mais presente. Durante a Segunda Guerra, esta polarização social contra os Judeus se intensificou. Mesmo assim, o liberalismo foi um considerável fator de mudanças na cultura daquela época. O liberalismo, enquanto sistema econômico e político, trouxe consigo a valorização do indivíduo como uma unidade autônoma e produtiva. A sociedade vienense, imersa nessas transformações, via o sujeito não mais apenas como parte de uma coletividade religiosa ou monárquica, mas como um agente isolado em suas escolhas e responsabilidades. Essa fragmentação do sujeito, que o liberalismo do século XIX consolida, possui raízes metafísicas que remontam à crise da escolástica tardia.

Como demonstra Muralt (2002), a gênese do pensamento liberal e do direito subjetivo moderno tem raízes antigas que podem ser encontradas no nominalismo de Guilherme de Ockham. Ao substituir a noção de uma 'natureza humana' compartilhada pela primazia do indivíduo absoluto e de sua vontade singular. Essa tradição filosófica criou o ecossistema cultural e filosófico para a psicanálise e para o que Freud viria a descrever como o aparelho psíquico: um sistema fechado em si mesmo, onde o conflito entre a vontade- pulsão- e a norma deixa de ser uma questão de ordem natural e passa a ser o drama interno de um sujeito isolado. Viena foi o laboratório da modernidade, onde o indivíduo moderno foi 'dissecado' por nomes como Freud, Klimt e Wittgenstein. Enquanto o liberalismo valorizava o indivíduo como agente autônomo, Freud mostrava que esse mesmo sujeito era fragmentado e movido por conflitos internos.

Anos antes destes acontecimentos, no período de sua infância, e de sua irmã Anna, seus pais se mudaram de Freiberg para Leipzig e enfim para Viena em 1860. Já em sua juventude, sentiu os avanços trazidos pelo liberalismo onde todos os cidadãos tinham direitos iguais. Freud os judeus de Viena e os liberais austríacos eram um contraste em uma cultura clericalista. (Gay, 1989). Com a ascensão Francisco José ao trono, o império dos Habsburgo foi forçado, entrar no século XIX, deixando os traços do absolutismo remanescente, já em declínio desde a revolução Francesa. No século XIX, o liberalismo permitiu que grande número de Judeus habitasse e se desenvolvesse em Viena, contudo, também se intensificou o antissemitismo. Não é possível dizer que isto foi culpa do liberalismo, afinal o antissemitismo já estava presente - e alguns Judeus o consideravam benéfico- motivo pelo qual, sob especulação, Freud considerava que sua família do lado paterno sofrera perseguição antissemita, em Colônia, nos séculos XIV e XV. (Gay, 1989).

O fato é que os Judeus já estavam se movimentando pela Europa desde o século XV. O desenvolvimento do capitalismo moderno é decorrente do êxodo judeu pela Europa Setentrional e pelos países nórdicos (Sombart, 2015). Talvez o liberalismo tenha aberto as portas aos judeus em Viena de tal forma que não agradou a sociedade da época, ainda que aos judeus sim. Nesse período, o antissemitismo já presente, se

intensificou. Viena na qual Freud passou sua juventude foi tomada por judeus que ocupariam a maioria dos cargos públicos, desde bancos até cátedras na Universidade. Segundo Gay (1989) quando Freud tinha onze anos os judeus totalizavam 6% da população de Viena. Segundo Gay, 1989, p.33. **Grifo Nosso**

“O jornalista e rabino Joseph Samuel Bloch relacionou um autêntico catálogo das virtudes do liberalismo: mais que uma doutrina, mais que um princípio conveniente, era **o asilo espiritual do judeu**, seu porto de salvação, garantia de liberdade, deusa protetora, rainha de seu coração.”

O advento do liberalismo, com novas leis como a legalização dos ofícios religiosos judaicos, fez com que em 1860 praticamente todas as leis de intolerância e os monumentos de discriminação haviam sido banidos. Neste período, houve maior participação dos Judeus na sociedade Vienense, assim como nas academias.

“Nos oito anos em que Freud frequentou o liceu, entre 1865 e 1873, o número de estudantes judeus ali aumentou de **68 para 300, passando de 44% para 73%** do número total de alunos da escola.” (Gay, 1989, p.35. **Grifo Nossos**).

Um número considerável e que mostra como os judeus ocupavam espaços na sociedade Vienense. Entretanto, o clero ainda muito ligado à aristocracia, com movimentos contrários aos judeus, era um obstáculo para sua participação na sociedade. Dentre os movimentos da época está o ultramontanismo, cuja gênese se encontra na metade do século XIX. Ele se caracteriza por ser **uma tendência católica de origem europeia que visionava fortalecer o poder do Papa e retardar a modernidade** com o intuito de recuperar aspectos medievais do catolicismo na sociedade. Neste contexto, “o clericalismo, o ultramontanismo, [...] **tais eram os inimigos dos judeus**” (Gay, 1989, p.33. **Grifo Nosso**.) Também havia a convicção de que **os não cristãos deviam ser convertidos**. Essa concepção cristalizou-se na cristandade e espalhou-se pelos reinos cristãos como Portugal, e suas colônias como o Brasil. (Lipner, 1977).

Para fixar a dimensão do antissemitismo e o impacto do poder eclesiástico e de movimentos como o ultramontanismo, é preciso lembrar um dos fatos mais marcantes desse período, que ficou conhecido como o **Caso Mortara**. Em 1858, por ordem do Papa Pio IX o jovem judeu Edgardo Mortara, que havia sido batizado em segredo pela empregada cristã, foi sequestrado de sua família em Bolonha e levado a Roma onde passou a viver sob custódia do Papa, sendo ordenado Presbítero (Kertizer, 1998). O clericalismo, portanto, representava uma **ameaça** não só vida, mas a liberdade dos judeus.

Em Roma, o Papa ainda governava os estados pontifícios como um rei, com todas as prerrogativas de um monarca, que exerceu até 1870 (Mouritsen, 1988). Na cidade, certas obrigações eram muito comuns, como tentativas de converter os judeus. Eram obrigados a participar de missas pelo menos uma vez por ano e

eram considerados, segundo antigo costume cristão, como pérfidos. Em sua obra *Exégèsis*, publicada em 1998, Henri de Lubac dedicou um capítulo a palavra *perfidis* conceituando-a como infiel. A palavra *perfidis* pode ser traduzida como pérfido e traiçoeiro. Em uma sociedade estruturada sobre o ódio e segregação aos não cristãos, Edgardo jamais teria sua liberdade religiosa respeitada, sobretudo, se fosse o caso, para escolher continuar judeu ou tornar-se cristão, como aconteceu com Jean Marie Lustiger, judeu convertido ao catolicismo, nomeado bispo de Paris em 1981.

Ao entrar no século XX, o cristianismo manteve sua hegemonia na Europa. Kertizer (1998) mostra que sua difícil relação, do cristianismo, com os judeus nessa época se deteriorava. O antisemitismo era tão visível que certa vez Freud viu, e relatou mais tarde, seu pai Jacob ter seu chapéu atirado ao chão por um cristão. Essa atmosfera, já vivida por Edgardo e sua família, fazia com que Freud, sempre ao olhar para o campanário da catedral, declarasse: “Viena me oprime” (Gay, 1989, p. 26). Não surpreende que a psicanálise tenha enfrentado resistências e receba críticas até hoje por parte de religiosos. Nos anos cinquenta, durante o pontificado de Pio XII, um tomista que se posicionou contra a psicanálise, sobretudo no V Congresso Internacional de Psicoterapia e de Psicologia Clínica (1953), o clero foi proibido de frequentar psicanalistas. (Torellò, 1964). Curiosamente, anos mais tarde, Antonio Du Ciacia, padre que foi analisando de Lacan, deixou o sacerdócio durante o período de análise. (PSICANÁLISE LACANIANA, 2012).

Em meio a esta atmosfera, após se formar no Liceu, destacando-se como estudante de excelência, Freud ingressa na Universidade de Viena como estudante de medicina. Curso do qual dirá mais tarde “não sentia nenhuma predileção especial pela posição e atividade de um médico naqueles primeiros anos” (Gay, 1989, p.40). Este desejo veio após a leitura dos ensaios *Sobre a Natureza*, de Goethe publicados entre os séculos XVIII e XIX. Embora acreditasse que morreria aos quarenta anos, Freud desejava entender mais a natureza humana, e destacou-se por sua busca por este conhecimento. Este foi o motivo que o levou à medicina, como ele mesmo diz: “eu era movido por uma espécie de ânsia pelo conhecimento” (op.cit.). Tal ânsia fez com que inaugurasse uma nova forma de compreender a vida psíquica. Isso causou uma transformação na psicologia e na cultura moderna.

Ao longo de sua vida, testemunhou o nascimento de um mundo marcado por mudanças decisivas, como científicas, sociais e políticas. E, nesse mundo, sua obra não rompeu com a ciência, mas ampliou seus limites ao introduzir o inconsciente como um campo legítimo de investigação, contribuindo para novos modos de pensar o sujeito e os laços sociais. “A psicanálise”, diz ele “é uma parte da ciência e não uma instituição religiosa; ela não promete a seus adeptos a bem-aventurança, **mas lhes oferece uma compreensão de si mesmos**” (FREUD, 1914/2010, p. 26, **grifo nosso**). Essa nova maneira de compreender o sujeito proposta por Freud não se limita ao campo clínico, mas se consolida naquilo que chamará de metapsicologia, marco central da ruptura epistemológica da psicanálise.

RUPTURA EPISTEMOLÓGICA FREUDIANA.

A Metapsicologia.

A bruxa da metapsicologia, assim Freud chama a metapsicologia. Segundo Freud em *A Psicologia da Vida Cotidiana*, (1901/1904) onde relaciona a Metapsicologia com a Metafísica:

"uma grande parte da visão mitológica do mundo, cujo alcance se estende até as mais modernas religiões, nada mais é do que **psicologia projetada no mundo externo**. O reconhecimento obscuro (a percepção endopsíquica, por assim dizer) de fatores psíquicos e relações no inconsciente se espelham - é difícil exprimir isto em outros termos, e aqui a analogia com a paranoia tem que nos ajudar - na construção d uma realidade sobrenatural, a qual está destinada, em sentido contrário, a ser retransformada pela ciência em psicologia do inconsciente. **Poder-se-ia ousar explicar desse modo os mitos do paraíso e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade etc., e transformar metafísica em psicologia**". (Freud, apud Garcia-Roza, 1984, p.113. **Grifo nosso**).

O prefixo grego *meta* significa além. Assim, a metapsicologia pode ser interpretada **como aquela que vai além da psicologia**. (Birman, 2021. **Grifo nosso**). Mas antes de se propor ir além, Freud percorreu um caminho na neurologia. Em 1883, no laboratório de neurologia de Meynert iniciou seus estudos na neurologia. (Davidovich, 2009) Ele o fez, pois antes do *Projeto de uma psicologia científica* (1895) ainda sustentava uma a ideia de conceber uma teoria neurológica da mente humana (Simanke; Caropreso. 2011). Os motivos que o levam a neurologia, a questão somática, neurológica e cerebral, serão os mesmos que sustentarão a metapsicologia e a formação das afasias. (Zanetti, 2011). Tal rompimento se deve ao fato de Freud perceber que o aparelho da linguagem está para além de um efeito biológico, uma estrutura que não se resume às teorias de *Wernicke e Meynert*. Assim, ele questiona toda a neurologia da época propondo a ideia de **parafrasia**, ou seja, algo funcional, uma menor eficiência do aparelho da linguagem. (Garcia-Roza, 1991). **Freud deixa o modelo naturalista e segue para o da interpretação dos fenômenos.**

Com a publicação do livro *Afasias* (1891) há o início do rompimento de Freud com a neurologia e o começo de sua preocupação com o psiquismo, que aprofundará no *Projeto* (1895) (Davidovich, 2009). Anos depois, em 1915 nos Artigos Metapsicológicos, Freud mostra que seu intuito não era apenas questionar e criticar a neurologia, mas propor uma nova metodologia. Logo, ele mostra como a pulsão constitui o limite entre o psíquico e o somático, o que vai de encontro à neurologia, que ainda buscava causas anatômicas, porquê, ao mostrar esse limite ele responde a questão somática sem reduzir a mente à anatomia. A pulsão, portanto, une mente e corpo, agindo através da **representação**. Sendo esta a representação-coisa ou representação-palavra. A representação-coisa (*Sachvorstellung*) se refere ao **inconsciente**, enquanto a representação-palavra (*Wortvorstellung*) se refere ao **pré-consciente**.

A Metapsicologia, portanto, formaliza o Inconsciente como uma estrutura ativa e dinâmica. Esta é a ruptura epistemológica definitiva feita por Freud com a neurologia, ao mostrar que o inconsciente não é uma falha cerebral, ao contrário, é um 'lugar' psíquico estruturado com regras próprias. Ela, a metapsicologia, dota a Psicanálise de um aparelho psíquico conceitual para explicar a afasia (parafasia), a loucura e as neuroses sem ter que buscar suas causas em lesões orgânicas. (Garcia-Roza, 1991). Além disso, Freud na metapsicologia leva a cabo o ir além ao propor que o sonho é formado pelo entrelaçamento complexo do sentido, não sendo apenas resultado de atividades cerebrais, tampouco de comportamentos errático da razão ou da imaginação. (Birman, 2021). Portanto, não há possibilidade de sustentar as afasias como produto de atividades cerebrais. Logo, Freud não se posiciona epistemologicamente contra um discurso ou um método, mas contra um *modus operandi*.

Descentramentos: Neurologia, Filosofia Racionalista e Psiquiatria Asilar.

Epistemologicamente, a psicanálise surge como uma teoria que amplia a visão da neurologia e psicologia do século XIX. E embora sua gênese se encontre neste rompimento, suas raízes estão presentes nos séculos XVIII e XIX. (Garcia-Roza, 1984) Para a elaboração da *loucura* como um saber, houve uma série de práticas de dominação e controle, apresentando o louco como um indivíduo perigoso e o psiquiatra como aquele que defendia a sociedade desta ameaça. Não havia o intuito de encontrar razão na loucura, mas apenas de separar os loucos dos não loucos. (op. cit.). Loucura e pensamento racional, segundo Descartes, não se misturavam, pois a loucura atingia apenas o homem e não seu pensamento. É impossível haver um pensamento louco, apenas um comportamento desordenado, pois o pensamento que se regula pela razão deve sempre se opor a loucura. Foi Descartes que situou a loucura no discurso filosófico. Nesta perspectiva, apenas o homem, e não o pensamento, é passível da loucura, que consiste na perda da racionalidade. Isto é importante, pois, no século XVII, o homem se distinguia dos animais pela racionalidade, ora, louco, o homem se identificaria com um animal (op.cit.). Por isso a repressão da loucura era violenta, afinal, o homem louco era um animal selvagem.

É justamente contra essa visão racionalista que Freud inicia a metapsicologia, e dá continuidade aos descentramentos, propondo a escuta do inconsciente como forma mais eficaz de acesso à psique humana. Contudo, na psiquiatria, junto da série de práticas que se articulam no espaço asilar, não havia a postulação da cura, mas do controle do louco. A loucura que, até então existia, sim, mas não como foi conceituada, foi fabricada pelo hospital e modelada pela psiquiatria. Diz Foucault "o hospital do século XVIII devia criar as condições para que a verdade do mal explodisse." (Foucault, apud Garcia-Roza, 1984, p.28).

Este fato merece nota, pois, no momento em que Freud dá início à escuta do inconsciente, a psiquiatria ainda era um saber recente, constituído na passagem do século XVIII para o XIX, instituindo o asilo para cuidar dos loucos e rompendo com o Hospital Geral, criado no século XVII (Birman, 2021). Agora, na fase asilar, a loucura era conceituada como perversão da paixão e da vontade - não mais um erro da razão. Logo, a cura está no encarceramento. É a sobreposição do poder psiquiátrico sobre o saber. (Garcia-Roza, 1991).

Eram práticas acompanhadas de processos voltados à fisiologia e anatomia buscando a compreensão e raízes loucura.¹ Ao contrário dessa lógica de exclusão e de patologização, Freud introduz a busca sentido naquilo considerado como desrazão pela psiquiatria. Isto do qual Freud busca o sentido é conceituado como **Representação-coisa** que materializa o impacto das pulsões no psiquismo sendo constituída de ordem visual, expressado pela Representação-palavra que remete à imagem acústica das palavras no psiquismo. O embate de Freud se deu com a neurologia, mas também, em certa medida com a psiquiatria.

Nesse intuito, em “*Sobre as Afasias*” de 1891, Freud vai de encontro à neurologia ao propor ir além do anatômico e além do cerebral, como propunha Broca e Wernicke no *centro motor* e *centro sensorial*, ou seja, a compreensão fisiológica do processo da linguagem como um reflexo cerebral. Segundo Garcia-Roza (1991 p. 23):

“Na opinião de Freud, não apenas a afasia de condução de Wernicke não existe, como certas perturbações descritas por Wernicke e por Lichtheim em nada diferem de confusões e multiplicações de palavras feitas por pessoas normais quando fatigadas”.

Afasias podem ser entendidas como perturbações de linguagem. Eram entendidas como perda da compreensão da linguagem conservando a capacidade de pronunciar palavras e a perda da possibilidade de pronunciar palavras conservando a capacidade de compreendê-las. Em *Der aphasische Symptomencomplex*, Wernicke centraliza a linguagem ao cérebro, e cria as áreas sensorial (área de Wernicke) e motora (área de Broca). (Garcia-Roza, 1991)

Como resposta a todas estas questões postas pelos neurologistas, no livro *Artigos Metapsicológicos* de 1915, retomando a *Interpretação dos Sonhos* - onde já

1 O Psiquiatra Francês Jacques-Joseph Moreau (1804- 1884) conhecido como **Moreau de Tours**, na tentativa de aproximar-se da compreensão da loucura, fez um experimento em si mesmo com o haxixe. Moreau desejava produzir em si mesmo os mesmos sintomas da loucura e depois retornar à normalidade. Ele cria um espaço entre o normal e o patológico, uma lacuna. **Ou seja, é possível alcançar o estado de loucura através da ingestão de drogas.** (Garcia-Roza, 1984. **Grifo nosso**). Contudo, ele avança um pouco mais, pois, para ele a lacuna comum ao normal e o patológico não necessitava de uma produção artificial, pois pode ser encontrada nos sonhos “o sonho reproduz as mesmas características da loucura. O sonho é a loucura do indivíduo adormecido enquanto os loucos são sonhadores acordados” (Garcia-Roza, 1984, p.30) E para Freud uma parafasia é considerada como “um resíduo, um resto de linguagem (Sprachrest), algo que se repete como resíduo da inscrição de traços mnêmicos” (Garcia-Roza, 1991, p. 66).

havia sugerido a estrutura da primeira tópica - sob a luz da Metapsicologia -, Freud apresenta os tópicos (lugares psíquicos) que explicam o funcionamento da mente, indo de encontro à ideia anatômica vigente. Assim, se tem a pulsão como aquilo há de ser limite entre o corpo e a mente, a repressão como o mecanismo do inconsciente e a formulação da primeira tópica. (Garcia- Roza, 1991). Ainda assim, buscando conceituar-se enquanto saber e inserir-se na esfera médica, pois, discutia-se sua legitimidade, uma vez que não obtinha sucesso em conceituar a alienação mental nos cânones da medicina, a psiquiatria condicionou a doença mental, reduzindo-a a perspectivas anatômicas. É um caminho natural, afinal, Descartes não poderia estar errado, logo, há uma causa física da loucura. Contudo, o cérebro dos doentes mentais **não apresentava qualquer deformidade ou lesão que sustentasse o estado de doença mental como produto de alterações cerebrais**. (Birman, 2021. **Grifo nosso**). Este é um dos fatores que sustenta os postulados da metapsicologia.

Por isso, há certa inclinação para interpretar a prática médica organicista do século XIX à luz dos postulados do **empirismo lógico** (ou **positivismo lógico**) do século XX. Embora não compartilhem as mesmas técnicas, a **prática do princípio da verificabilidade** coloca-se em **paralelo**: ambas se aproximam de convicções como o **empirismo forte**, a **rejeição à metafísica** e a busca por um **critério verificável** para o saber. Contudo, essa aproximação possui um limite fundamental no campo da saúde mental. O empirismo lógico, fiel à **antimetafísica do Círculo de Viena**, não exige o **reducionismo biológico**. Pelo contrário, apoiar-se na ideia de que toda doença mental possui razões **exclusivamente** anatômicas, fisiológicas ou neurológicas constitui, para os pressupostos desse movimento, um **antecedente metafísico — a dogmatização da hipótese biológica**.

Como demonstra Bouveresse (1973 apud Birman, 2021) no livro *La Theorie de l'observation dans la philosophie des sciences Du positivisme logique*, para o positivismo lógico, um enunciado só pode ter sentido se for **verificável pela experiência** partindo da organização dos fenômenos; **a teoria jamais se autoexplica**. É crucial notar a diferença histórica dessa postura. Enquanto o positivismo lógico do século XX rejeita o reducionismo como metafísico, o **naturalismo científico** do século XIX buscava explicar fenômenos humanos exclusivamente com leis naturais. Nesse contexto, Birman (2021, p. 57. **Grifo nosso**) afirma que “os naturalistas alemães se inscreviam principalmente na **tradição filosófica Kantiana**”, considerada como crítica à totalização de Hegel e mais próxima, então, do “ideário da positividade do saber científico”. É importante sublinhar, no entanto, que **o próprio Kant é contrário ao positivismo lógico**, pois sua filosofia crítica **limitava o conhecimento científico à esfera do fenômeno**, opondo-se ao critério de verificabilidade radical do Círculo de Viena.

Nessa busca do naturalismo científico, os pacientes passam a serem considerados como doentes mentais. O poder da psiquiatria deve, agora, ser confirmado pela medicina, que continuava focada na parte física, e postula tal ato, pois, “assim como o campo da desrazão os considerou como portadores de uma enfermidade como qualquer outra [...] a psiquiatria, portanto, reivindica seus direitos epistemológicos de ser uma especialidade médica”. (Birman, 2021, p. 31). Ao contrário desta visão naturalista, embora o inconsciente já existisse, e houvesse menções a ele em Nietzsche (2012) como **potência** e em Schopenhauer (2005) como **vontade**, ele é formalizado na psicanálise.

Antes disso, o sujeito apenas ‘existia’ para uma determinada função, ou seja, alguns eram professores, médicos, escravos ou sacerdotes. Freud percebe que esses sujeitos, muitos tidos como ‘loucos’, demonstravam uma repetição, queixavam-se de algo que lhes causava dor, sofrimento, mas não conseguiam deixar de lado, mudar de situação. É mais do que postulava o naturalismo, pois ao formular a primeira tópica e observar estas estruturas, Freud percebe que **o Inconsciente é um sistema de Representações-Coisa**. Assim, o trabalho da análise e a transição do patológico para o consciente envolve justamente a **ligação da Representação-Coisa com a Representação- Palavra**.

Portanto, a dinâmica da representação refere-se a **ambas**, mas o **cerne da ruptura** está na primazia do inconsciente, ou seja, a **Representação-Coisa** no sistema que Freud estava tentando mapear. A interpretação dos sonhos, primeira tópica, e as pulsões são respostas diretas à neurologia, filosofia racionalista e, em certa medida, a psiquiatria asilar, pois postulam a Representação-Coisa como base da metapsicologia. E, este movimento abre caminho para a descoberta do Complexo de Édipo. Em última análise, portanto, essas, o sonho, a primeira tópica e o Édipo - que, como a principal aplicação clínica da Metapsicologia, será detalhado no tópico seguinte - serão formas de mapear a primazia da Representação-Coisa. (Garcia-Roza, 1991).

OS SONHOS, AS TÓPICAS E AS PULSÕES: O MAPEAMENTO DA REPRESENTAÇÃO COISA.

O Sonho: o conteúdo onírico manifesto

O interesse pelos sonhos antecede a vida e obra de Freud. No antigo Testamento José foi levado até o Egito para interpretar os sonhos do Faraó. No século XIII Inocêncio III aprovou a ordem mendicante de Francisco de Assis depois de um sonho. Os sonhos sempre estiveram presentes, de tal modo que na República Platão diz que alguns prazeres e desejos não ordenados à lei e a outros desejos superiores são resolvidos nos sonhos, quando a parte gentil da alma adormece e cessa o controle da razão

(Mullahy, 1978). Contudo, é Freud quem conceitua o sonho como a via régia de acesso ao inconsciente. Através do sonho ocorre uma descarga tensional, afinal, no sonho habita o material censurado pelo consciente, e há a realização, imaginária, sem dúvida, dessas pulsões contidas no inconsciente. (op.cit.) Logo, segundo Freud (apud Myra Y Lopez, p.32.) o sonho é “um produto da atividade do inconsciente e que tem sempre um sentido intencional”. Os sonhos são a realização, ou a tentativa, de um desejo reprimido.

Curiosamente, também na República, Platão já havia aludido a essa tendência como um animal feroz que busca satisfazer seus próprios instintos. Para além dessa imagem, em Freud, portanto, os sonhos constituem uma espécie de véu que cobre o inconsciente. Atrás desse véu há impulsos inconscientes latentes buscando sua realização. Assim, nos sonhos, as pulsões são representadas por um desejo² através de imagens mnêmicas que se deslocam e se condensam (Garcia-Roza, 1991). A partir da compreensão do sonho como realização de desejo, Freud pôde estabelecer uma distinção fundamental: o Conteúdo Onírico Manifesto e o Conteúdo Onírico Latente.

Na elaboração do conteúdo onírico, o conteúdo manifesto é o relato que o indivíduo recorda ao despertar — a narrativa de superfície, o ‘véu’ ou enigma. Por sua vez, o Conteúdo Latente é o conjunto dos pensamentos e desejos inconscientes que buscam a satisfação e que constituem a verdadeira matéria-prima do sonho. O empreendimento Freudiano é justamente desfazer o caminho percorrido e ir do relato manifesto ao conteúdo latente. (Mullahy, 1978). Este movimento se dá pelo fato de que o relato do sonho parte de uma memória no qual este sonho está modificado.

O processo que liga esses dois conteúdos, ou seja, que transforma o material latente no relato deformado manifesto é o que Freud denominou Trabalho do Sonho, *Traumarbeit*. (Freud, 1900/2010) O Trabalho do Sonho é a operação psíquica que submete o conteúdo latente à censura do Pré-Consciente e utiliza os mecanismos do Processo Primário para tornar o desejo irreconhecível, garantindo que o sono possa ser mantido. É neste ponto que a Condensação e o Deslocamento atuam como operadores centrais. (Mullahy, 1978).

A Condensação, *Verdichtung*, é o mecanismo pelo qual diversas cadeias de pensamentos latentes são combinadas e resumidas em um único elemento ou imagem do sonho manifesto (Mullahy, 1978). A esse respeito, Laplanche e Pontalis (2001, p. 80) esclarecem que o efeito da condensação é que “uma representação única representa por si só várias cadeias associativas e traduz-se, no sonho, pelo fato do relato manifesto, comparado com o conteúdo latente ser lacônico”. Em outras palavras, o elemento onírico no relato lembrado é, frequentemente, ‘superdeterminado’, carregando o sentido de múltiplas referências, desejos e lembranças de forma sintética (Mullahy, 1978).

2 No *Projeto*, Freud apresenta os sonhos como a **realização de um desejo**. Segundo Garcia-Roza (1984). Assim, “os sonhos são processos primários que reproduzem o modelo da experiência de satisfação” (Garcia-Roza, 1984, p. 59).

O Deslocamento, *Verschiebung*, por sua vez, consiste na transferência da intensidade psíquica (o afeto, a importância, o investimento) de uma representação que deveria ser central e angustiante no latente para uma representação secundária e indiferente no sonho manifesto (op.cit.). Este mecanismo é essencial para a camuflagem do desejo reprimido, pois ele retira o foco do elemento perigoso e o transfere para um substituto inofensivo.

Com a interpretação dos sonhos Freud faz com que a metapsicologia ocupe o lugar da neurologia. Assim, essa dinâmica de condensação e deslocamento revela que o inconsciente opera sob uma estrutura distinta dos construtos lógicos formais postulados por Aristóteles. Isso se dá, pois, enquanto a consciência se pauta pelo princípio da não-contradição, o trabalho do sonho opera em uma **lógica paraconsistente**. Como aponta Freud em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), no inconsciente os opostos não se excluem, mas se fundem: um mesmo elemento manifesto pode representar o amor e o ódio simultaneamente. Nesse sentido, o sonho desafia o terceiro excluído, permitindo que desejos contraditórios habitem o mesmo espaço psíquico sem que um anule o outro. A psicanálise, na interpretação dos sonhos, amplia os horizontes propostos pela lógica uma vez que mostra que há coerência nos sonhos. Esta coerência **não é um universal**, mas subletiva, pois é um método de escuta do inconsciente.

E o inconsciente opera de diferentes formas nos sujeitos, nunca igual. Assim, segundo Garcia- Roza (1984, p. 60):

“o sonho tem um sentido, e esse sentido é correlativo do trabalho da interpretação. A explicação “neurológica” cede lugar a uma decifração do sentido. É nesse momento que se articulam o desejo e a linguagem”.

Primeira e Segunda Tópicas.

Ao formular a sua primeira teoria sobre o aparelho psíquico, ou Primeira Tópica, Freud a concebe como uma estrutura composta por três sistemas: o Inconsciente, o Pré-Consciente e o Consciente. O Inconsciente, como núcleo desse sistema, é constituído por representações que foram objeto de recalçamento e que buscam constantemente a satisfação, operando sob as regras do Processo Primário, notadamente o princípio do prazer. E, uma vez recalçado, isto só voltará à consciência se o mecanismo psíquico perceber que há sofrimento na pessoa (Laplanche e Pontalis, 2001). Freud nota que o inconsciente não surgia de si próprio como substância autônoma, mas precisa de elementos que o criem. O inconsciente sempre existiu, assim como o sujeito. Freud

3 Sob uma perspectiva Aristotélica, pelo princípio da não contradição não haveria uma lógica nos sonhos, uma vez que as contradições presentes nos sonhos iriam de encontro ao princípio lógico da não contradição e do *Tertium Non Datur*, que é o princípio do Terceiro Excluído ($P \rightarrow P$), um conceito formal da lógica Aristotélica e da lógica clássica que afirma que uma proposição é verdadeira ou sua negação é verdadeira; não há uma terceira opção.

apenas formaliza essas nomenclaturas. Antes de Freud, o sujeito existia e vinha com uma determinada função. Existia para ela em constante repetição.

Apesar da Primeira Tópica fornecer uma estrutura inicial para o aparelho psíquico, as observações clínicas revelaram que este modelo, centrado na busca do prazer e na evitação da dor, era insuficiente para explicar toda a dinâmica psíquica. Freud notou que os sujeitos demonstravam uma compulsão à repetição, onde experiências que lhes causavam sofrimento e dor eram revividas, sem que pudessem ser controladas ou evitadas, o que desafiava a hegemonia do princípio do prazer. O caso mais ilustrativo dessa falha é a observação do jogo de seu neto, descrito em *Além do Princípio do Prazer* (1920).

A criança repetidamente atirava um carretel atado a um barbante para fora de sua vista, proferindo “*fort*” (longe), e o puxava de volta, dizendo “*da*” (aqui). O ato de lançar o objeto para longe, repetindo a dolorosa ausência da mãe, era uma ação que, de forma enigmática, ia além do princípio do prazer. Essa constatação clínica levou Freud à conclusão de que o aparelho psíquico não era regido apenas pela economia da descarga tensional em busca do prazer e da evitação do desprazer. Para complementar essa estrutura falha, Freud sentiu a necessidade de introduzir uma metapsicologia mais dinâmica, que pudesse dar conta da força que impulsionava a repetição: a Pulsão. As pulsões, concebidas inicialmente como sexuais e de autoconservação, e posteriormente divididas entre Eros (pulsão de vida) e Thanatos (pulsão de morte), fornecem o motor e a energia que tensionam o aparelho psíquico e justificam a necessidade de se criar a Segunda Tópica⁴ (Freud, 1915; 1920).

Na Segunda Tópica, Freud abandona a rigidez puramente tópica estabelecida na primeira tópica para focar nas instâncias psíquicas que constituem o funcionamento do aparelho. Essa reformulação surge da necessidade de compreender a compulsão à repetição, bem como a função dos atos falhos, dos *chistes* e a dinâmica da transferência. Freud passa a perceber que há três instâncias fundamentais para entender como o sujeito opera seu aparelho psíquico: o **Id**, o **Ego** e o **Superego**. O **Id** é a instância mais **primitiva**, sendo a fonte de toda energia pulsional e regida integralmente pelo Princípio do Prazer. O **Id** busca a satisfação imediata das pulsões sem levar em conta a realidade ou a moral. O **Superego**, por sua vez, é a instância **herdeira do Complexo de Édipo**, agindo como o regulador moral e ideal do psiquismo. Ele representa as interdições e os valores introjetados, sendo em grande parte inconsciente.

Por fim, o **Ego** age como **mediador**. (Mezan, 2003). Regido pelo Princípio da Realidade, sua função é equilibrar as exigências do **Id** (prazer), as proibições do

4 A primeira tópica tentava planejar o aparelho psíquico a partir de uma estrutura. Contudo, a primeira tópica tinha que ser complementada com a ação das pessoas, com o princípio do prazer e da realidade. Ou seja, outro conceito que a complementasse. Essa nova dinâmica justificou a necessidade de se criar a Segunda Tópica (Id, Ego e Superego), que tentava planejar o aparelho psíquico a partir da ação das pessoas e da complementação do princípio do prazer pelo princípio da realidade.

Superego (moral) e as demandas do mundo externo. É crucial entender que as instâncias da Segunda Tópica não anulam a Primeira, mas se sobrepõem a ela: o Id é totalmente inconsciente, enquanto o Ego e o Superego possuem partes no sistema Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente. O princípio do prazer, que rege o Id, foi estabelecido por tudo àquilo que foi vivido pela pessoa durante a infância. (Mullahy, 1978). A criança é toda regida pelo princípio do prazer⁵. É essa busca incessante pela descarga e satisfação, característica do ID, que leva à necessidade de examinar o conceito metapsicológico de pulsão, a verdadeira força motriz do aparelho psíquico. (Freud, 1905/1972)

A Pulsão.

Representante psíquico de uma fonte somática e contínua de excitação em contraste com um estímulo estabelecido por excitação simples, vindas de fora, a pulsão é a fronteira entre o psíquico e o físico. (Mezan, 2003). Durante muito tempo, Freud trabalhou a pulsão de vida⁶⁹ como ligada a questão da sobrevivência e da reprodução – conceito de biologia da época. A pulsão tem uma finalidade que é a descarga de tensão, reduzindo-a ao mínimo possível. Seu objeto é contingente, ou seja, ao acaso; não é pré-determinado. Assim, é, portanto, qualquer objeto que ofereça condição de promover a diminuição da tensão no interior do organismo.

As manifestações pulsionais apoiam-se nas experiências de satisfação. Na criança, por exemplo, o campo pulsional se ordena inicialmente em torno da boca como órgão de excitação e de satisfação. Esta é a fase oral. Depois a fase anal e finalmente os genitais, fase fálica. Após mapear o aparelho psíquico através das tópicas, das pulsões e dos sonhos, a metapsicologia freudiana, portanto, oferece um corpo teórico sólido, assentado no campo da ciência, distante da mística religiosa, superando a neurologia e psiquiatria do século XIX.

A tentativa freudiana de conciliar o rigor clínico com a imaterialidade do inconsciente reflete o esgotamento do modelo positivista. A análise de Muralt em *'Néoplatonisme et Aristotélisme dans la Métaphysique Médiévale'* (1975) revela que a modernidade herdou uma tensão não resolvida entre o rigor lógico Aristotélico e

5 O corpo da criança é tido por Freud como um corpo erógeno no qual a **mãe** marca determinados pontos como zonas de obtenção de prazer, através da amamentação, dos cuidados, etc. Assim, na criança, o campo pulsional se ordena inicialmente em torno da boca como órgão de excitação e de satisfação. Embora essas marcas existam, são inconscientes, pois não há uma participação consciente da criança. Todas as marcas permanecem no inconsciente, sejam de cuidado ou não, e se agregam a outras. Há uma comunicação que vai para além das palavras e que introduz a criança na linguagem. A princípio, qualquer região do corpo pode proporcionar esse prazer à criança, tornando-se assim uma zona erógena. Freud conceitua as crianças como **perversos polimorfos** (Freud, 1905/1972, **Grifo nosso**), pois desconhece a lei moral, não há o viés adulto para delimitar, interditar e proibir.

6 Após a primeira guerra mundial, Freud passou a reconsiderar a pulsão de vida. Ele nota que o aparelho psíquico não é regido apenas pela busca do prazer, ou seja, não há apenas uma pulsão de vida, mas que há também uma pulsão de morte que ele concebe em meados de 1920. Ele fala dessa questão pela primeira vez no seu texto *Jenseits des Lustprinzips* "Além do Princípio do Prazer" publicado no mesmo ano

a busca pela unidade do ser. No contexto de Freud, o positivismo tentou reduzir o humano à mecânica biológica, mas o 'resto' que escapava a essa métrica, como o desejo, é precisamente o que a psicanálise resgata. Utilizar a genealogia de Muralt permite compreender que **o positivismo** buscou simplificar a complexidade da alma humana em prol de uma previsibilidade social e política.

Dessa forma, se dá o rompimento com a neurologia e o naturalismo científico ao apresentar a pulsão como motor de uma subjetividade que desafia as métricas simplistas da modernidade liberal. Se, como aponta Muralt (1995), o projeto moderno buscou a previsibilidade através do rigor lógico, a descoberta Freudiana do inconsciente e das vicissitudes pulsionais reinsere a imprevisibilidade e a complexidade no cerne do humano.

A pulsão, portanto, ao contrário do que postulava o positivismo, não é apenas biologia, mas é uma força que quer dizer algo, e que possui um sentido. Freud resgata o desejo que a mecânica biológica ignorava. Neste sentido, como aponta Paul Ricoeur (1977), Freud estabelece-se como um dos 'mestres da suspeita', pois ao desvelar a dinâmica pulsional, ele demonstra que a consciência não é transparente, mas sim atravessada por uma linguagem de desejos que o positivismo científico, em sua busca por objetividade absoluta, foi incapaz de decifrar.

Logo ao fundamentar a metapsicologia sobre a tensão constante entre a biologia e o desejo, Freud não apenas supera a neurologia de sua época, mas oferece uma resposta ao mal-estar de uma civilização que, ao tentar sistematizar a vida sob o domínio do capital e da técnica, acabou por recalcar a própria essência da alma humana. A psicanálise surge, portanto, como o espaço onde a unidade do ser, fragmentada pelo nominalismo e pelo positivismo, pode ser novamente interrogada através do reconhecimento das forças pulsionais.

O CONFRONTO COM MOISÉS: A RESPOSTA FINAL DE FREUD À HISTÓRIA.

De Viena a Londres passaram-se oito décadas onde a história de Freud - esquecida na formação de muitos psicanalistas - se entrelaçou inseparavelmente com o corpo de suas obras (Gay, 1989). Durante esse tempo, ele respondeu aos eventos históricos fiéis às suas convicções. Estrangeiro como Moisés, que deu as leis ao povo, e que nunca chegou à terra prometida, Freud, um estrangeiro em Londres - mais ainda, um estrangeiro em um mundo cruel - também não viu o povo Judeu se reestabelecer em segurança na Alemanha. Um último ato, político, talvez: em 1937 pede ajuda à princesa Marie Bonaparte para retirar suas irmãs idosas de Viena. Um pedido em vão. A política da época não estava disposta ouvir os pedidos da princesa (op.cit.). Em meio a esse caos, e ineficácia do pedido de intervenção política da princesa,

Freud não desviou seu foco da psicanálise que diferente do instituto Göring, Sociedade Médica Geral Alemã de Psicoterapia que foi obrigado a se adaptar a ideologia nazista, conseguiu sobreviver atuando fora do controle do regime. (op.cit.).

Freud retorna à questão da origem da religião e da civilização, em um movimento que representa seu **acerto de contas final com a própria herança judaica**. A obra *Moisés e o Monoteísmo* (1939) que lhe gerou conflitos com a comunidade judaica e cristã, não é um ensaio psicanalítico tradicional, mas sim a última e mais especulativa das suas aplicações. (Gay, 1989) Nela, Freud se propõe a resolver o enigma da figura de Moisés, o grande legislador e fundador do monoteísmo. Sua tese é radical: Moisés não era judeu, mas egípcio, contrariando diretamente a Torá que dizia que Moisés foi um Hebreu, e foi o responsável por transmitir o culto a⁷ Aton ao povo hebreu. Uma tese especulativa. Mais ainda, Freud sustenta a hipótese do **assassinato de Moisés** pelos próprios hebreus, sendo este o crime primordial que originou a culpa e serviu como a fundação psicológica inconsciente da religião judaica e, posteriormente, do cristianismo. O resultado é imediato. Judeus como Abrahan Yahuda e marxistas como Howard Evans o atacaram e fizeram duras críticas ao ensaio (op.cit.). O padre Vincent McNabb escreveu na *Catholic Herald* de Londres “em *Moisés e o Monoteísmo*, páginas impossíveis de serem citadas”. (Gay, 1989. P. 583).

Incompreendido. Talvez a rejeição a Freud se deva ao fato de ele ter trazido a psicanálise, no lugar de leis, para uma cultura crítica, antissemita, clericalista e apegada a costumes e moralidades que apenas ocultavam a decadência que jazia em seu interior. A reação ao Nazismo sustenta tal tese, uma vez que tal reação foi apenas espanto pelo fato de Hitler ter levado o colonialismo para dentro da Europa. Ele não dá um caminho, não é um guia, mas postula que cada sujeito encontre o próprio. Não olha as pessoas como massa a ser governada, mas como **sujeitos que desejam**. Freud não recebe a psicanálise em uma montanha, mas a rastreia no próprio sujeito como um método de escutar o inconsciente. Por isso não se tornou famoso, mas infame, sendo “**infamous, not famous**” por suas obras (Gay, 1989, p. 577. **Grifo Nosso**). Ainda que o objetivo de toda vida seja a morte (Freud, 1920/1996), Freud foi o Moisés que a cultura não conseguiu matar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Em 1939 Freud se recolhe em sua casa na Maresfield Gardens 20 em Londres, onde era acompanhado por seu médico Max Schur. Doente com câncer na boca, resultado de anos de tabagismo, deitado, escuta: “*Herr Professor*”. Era seu amigo Jones que lhe visitava pela última vez. (Gay, 1989). Jones foi seu aliado e testemunha de que a vida de Freud ultrapassou o drama biográfico assim como suas últimas

7 O culto a Aton foi introduzido no Egito pelo faraó AkhenAton (Amenhotep IV) 1550-1070 a.c. Segundo Gay (1989, p.583) Freud relacionava muitas tradições e nomes judeus com o Egito, por exemplo, “a hipótese de [...] que a palavra Adonai, “senhor”, podia derivar do culto monoteísta egípcio de Aton”.

especulações, como Moisés, o qual Jones auxiliou na publicação inglesa. Ele foi um explorador das profundezas da mente humana, que introduziu uma ruptura epistemológica na ciência, e deixou um legado que não poderia ser silenciado ou esquecido. Ao ver Jones, Freud resignado a sua condição, lhe acena num gesto de cumprimento e despedida. (op.cit.). Eram os últimos dias dele que havia, neste instante, renunciado a vida. Freud havia sido submetido a uma cirurgia em 1923 que lhe custou muito. Usava uma prótese na boca. Não fumava e nem escrevia mais. Contudo, continuava analisando, ainda que apenas três pessoas. (op.cit.).

Dias após a visita de seu amigo, deitado, olhando para Schur, com quem havia feito um acordo com relação ao final de sua vida, pede que ele converse com sua filha Anna sobre este momento e sobre sua morte. O tecido canceroso de sua boca estava tomado de úlceras que lhe causavam dores e ele havia emagrecido muito (Gay, 1989). Durante a conversa, embora Schur insistisse que era inútil mantê-lo vivo, Anna se recusava a aceitar a ideia. Por fim cedeu. Com o consentimento da filha, no mesmo dia Schur lhe aplicou duas doses de morfina. Freud se suicidaria. Dia 22 de Setembro lhe foi aplicada a última dose. Freud entrou em coma. Faleceu às 3 da manhã do dia 23 de setembro de 1939 (op.cit.). O homem crítico, firme em suas ideias, herdeiro do iluminismo, que acreditava que morreria aos quarenta anos, despediu-se da vida aos oitenta e três anos. Como estoico, sabia que onde ele está, a morte não estaria; e onde ela está, ele não estaria. Não havia o que temer.

Uma vida dentro de um drama que envolveu suas especulações. Seria o inconsciente sua grande descoberta? Sim. Seu maior feito? Não. Este lhe ocorreu ao se dar conta que Judaísmo e cristianismo, ainda que se unam em alguns aspectos, se distanciam com relação as suas atitudes em relação ao pai. Freud mostra que “o judaísmo havia sido uma religião do pai, enquanto o cristianismo se tornou uma religião do filho” (Gay, 1989. p. 581). A história e a cultura são edípicas. Uma sociedade que sobrepujou o pai. O monoteísmo e o sentimento de culpa judaico cristão seriam o retorno daquilo que foi reprimido, uma tentativa secular de reparar esse crime antigo através da obediência estrita à Lei. Em última análise, ao ressuscitar a tese do **assassinato do pai** - ecoando o mito de Édipo e os primórdios do *Totem e Tabu*, ensaio o qual usou para relacionar rituais cristãos à refeição totêmica (op. cit.).- Freud buscou fechar o ciclo de sua investigação sobre a neurose coletiva. Este retorno à figura arcaica do pai fundador, de Moisés, da lei, portanto, neste momento terminal de sua própria vida funcionou como o ápice e a derradeira contribuição de Freud para a compreensão da condição humana.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. **Ser justo com a psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- DAVIDOVICH, Márcia Moraes. **Psicanálise e Neurociência: um mapa dos debates**. 2009. 178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVIII, p. 17-77.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: **EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2011. v. XXI, p. 15-80.
- FREUD, Sigmund. Sobre a história do movimento psicanalítico. In: **EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2010. v. XIV, p. 18-76.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. VII, p. 119-231.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottmann. 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KERTZER, David I. **O sequestro de Edgardo Mortara**. Tradução de Nivaldo Montigelli Jr. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LIPINER, Elias. **Santa Inquisição: Terror Linguagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

MEZAN, Renato. **A trama dos conceitos**: os fundamentos da psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MIRA Y LOPEZ, Emilio. **Os fundamentos da psicanálise**. Tradução de Joubert T. Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1960.

MOURITSEN, Henrik. **Italian Unification: A Study in Ancient and Modern Historiography**. London: Institute of Classical Studies, School of Advanced Study, University of London, 1998.

MULLAHY, Patrick. Édipo: **mito e complexo: uma crítica da teoria psicanalítica**. Tradução de Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MURALT, André de. **L'unité de la philosophie politique**: de Scot, Occam et Suarez au libéralisme contemporain. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2002. (Bibliothèque d'Histoire de la Philosophie).

MURALT, André de. **Néoplatonisme et aristotélisme dans la métaphysique médiévale**: livre de l'unité de l'être. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1995. (Bibliothèque d'Histoire de la Philosophie).

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SIMANKE, Richard Theisen; CAROPRESO, Fátima. A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 51-78, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/6hg9sHGsdKbGhHPWB7mxc9S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1o set. 2025. SOMBART, Werner. **Os Judeus e a Vida Econômica**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**: tomo I. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PSICANALISE LACANIANA. **Documentário: Um Encontro com Lacan**. YouTube, 20 de ago. de 2012. 1 vídeo (aprox. 1h 15min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-QtbFaZjmw&t=312s>. Acesso em: 12 fev. 2024.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Tradução de Hilton Japiassú. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROUDINESCO, Elisabeth. Freud, história e memória. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.51, n.2, p.197-210, 2017. Disponível em: <https://www.revistabrazileiradepsicanalise.com.br/detalhe/v51n2/>. Acesso em: 10 set. 2025.

THOMPSON, Clara. **Evolução da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

TORELLÓ, Joan Baptista. **Psicanálise ou confissão?**. Tradução de Bidarra de Almeida. Lisboa, Portugal: Cartotipo, 1964. 197 p.

ZANETTI, Clovis Eduardo; SIMANKE, Richard Theisen. Clínica e crítica na trajetória freudiana da Neurologia à Psicanálise. **Mental**, Barbacena, v. 9, n. 16, p. 303-326, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/mental/article/view/58/58>. Acesso em: 10 set. 2025.